

Mentoria como Espaço de Formação Integral e (Re)existência: experiências com o Ensino Médio na escola pública

Natália Garcia Guerreiro Gowert ¹

Alexsandro Oliveira ²

Camila de Castro Guerreiro ³

Lilian de Aguiar Dutra ⁴

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a disciplina de Mentoria como parte do modelo de Ensino Médio em Tempo Integral (EMTI) desenvolvido na rede estadual do Rio Grande do Sul, por meio da parceria entre a SEDUC/RS e o Instituto de Corresponsabilidade pela Educação (ICE). A experiência foi implementada com estudantes do primeiro ano do Ensino Médio de uma escola pública e buscou articular o desenvolvimento das competências socioemocionais previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) com os conteúdos da Formação Geral Básica. A proposta pedagógica partiu da escuta ativa como eixo metodológico, e privilegiou práticas interdisciplinares, rodas de conversa e a mediação de textos literários e vivências cotidianas. Uma das atividades desenvolvidas envolveu o livro *Da minha janela*, de Otávio Júnior, e propiciou diálogos entre as áreas de Linguagens, Ciências Humanas e Matemática, destacando a importância da empatia, do respeito às diferenças e da análise crítica da realidade. Como referencial teórico, este relato dialoga com os estudos de Paulo Freire sobre educação como prática de liberdade, com bell hooks e sua defesa de uma docência que transgride as lógicas opressoras, além das contribuições de Nóvoa e Tardif sobre a construção da identidade docente. Para a metodologia, utilizamos a pesquisa narrativa de Jean Clandinin e Michael Connelly, os quais consideram narrar a própria prática uma forma potente de formação. Como resultados, destaca-se o fortalecimento de vínculos afetivos, o engajamento dos estudantes e a ampliação da consciência crítica frente a si e ao coletivo. A disciplina de Mentoria revelou-se um espaço potente de formação integral, reafirmando a escola pública como território de (re)existência, aprendizagem e transformação, tanto para os estudantes quanto para os professores, que também constroem sentidos, reavaliam práticas e reafirmam seu compromisso com uma educação mais humana, crítica e sensível.

Palavras-chave: Mentoria, Ensino Médio, Escola Pública, Competências Socioemocionais, Formação Docente.

¹ Mestranda em Educação da Universidade Federal do Rio Grande - RS, guerreironati@gmail.com;

² Graduado pelo Curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande - RS, alexsandro-oliveira@educar.rs.gov.br;

³ Doutoranda em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas - RS, camila.edufis@gmail.com;

⁴ Graduada pelo Curso de Matemática da Universidade Federal de Pelotas - RS, lyka-dutra@gmail.com;



INTRODUÇÃO

A contemporaneidade impõe à escola pública o desafio de reinventar-se constantemente diante das demandas de um mundo em transformação, no qual a formação humana ultrapassa a dimensão cognitiva e abarca a construção de sujeitos críticos, empáticos e socialmente engajados. Nesse contexto, o componente curricular de Mentoria, inserida no modelo de Ensino Médio em Tempo Integral (EMTI) da rede estadual do Rio Grande do Sul, surge como um espaço pedagógico de escuta, diálogo e formação integral, amparado pela parceria entre a Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul (SEDUC/RS) e o Instituto de Corresponsabilidade pela Educação (ICE).

A experiência desenvolvida ao longo de 2024 com estudantes do primeiro ano do Ensino Médio na Escola Estadual de Ensino Médio Professor Carlos Loréa Pinto configurou-se como um território fértil para o desenvolvimento de competências socioemocionais previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), articulando-as aos componentes da Formação Geral Básica. A proposta pedagógica da Mentoria privilegiou a escuta ativa como eixo metodológico, as práticas interdisciplinares, rodas de conversa, mediação de textos literários e vivências cotidianas que favorecessem a expressão, o acolhimento e a construção coletiva de sentidos.

Entre as experiências significativas, destaca-se a atividade mediada pelo livro *Da minha janela*, de Otávio Júnior, a qual possibilitou o diálogo entre as áreas de Linguagens, Ciências Humanas e Matemática, promovendo reflexões sobre empatia, diversidade, desigualdade e pertencimento. Assim, a disciplina de Mentoria consolidou-se como espaço formativo que rompe com a lógica fragmentada do ensino, reafirmando a potência da escola pública como território de (re)existência, aprendizagem e transformação.

A partir desse contexto, o presente trabalho tem por objetivo apresentar e refletir sobre a experiência com a disciplina de Mentoria, destacando suas contribuições para a formação integral dos estudantes e para o fortalecimento do sentido ético, crítico e humano do ato educativo. Metodologicamente, fundamenta-se na pesquisa narrativa de Jean Clandinin e Michael Connelly (2011), que compreende as narrativas docentes e discentes como forma de (re)significação das práticas educativas.

Os resultados evidenciam o fortalecimento dos vínculos afetivos, a ampliação da consciência crítica e o engajamento coletivo em torno de uma escola que educa com e para a vida. Conclui-se que a Mentoria, ao promover o diálogo entre razão e sensibilidade,



configura-se como um dispositivo potente de formação integral, reafirmando a função social da escola pública na construção de um projeto educativo emancipador.

METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida caracteriza-se como um relato de experiência de abordagem qualitativa, fundamentada nos princípios da pesquisa narrativa (Clandinin & Connelly, 2011). Esse tipo de investigação compreende o ato de narrar como um movimento reflexivo, no qual o sujeito reinterpreta suas vivências, atribuindo novos sentidos ao fazer pedagógico. Segundo os autores, “As narrativas são mais do que simples histórias; elas expressam a maneira como os seres humanos experienciam o mundo.” (Clandinin & Connelly, 2011, pág. 41).

Nesse sentido, compreender a prática educativa por meio das narrativas docentes é também reconhecer que a escola é um território vivo de experiências, onde cada encontro produz sentidos e saberes que ultrapassam o espaço físico da sala de aula. Ao narrar, o educador revisita a própria trajetória e ressignifica o que viveu, transformando a memória em aprendizado e a experiência em formação. Assim, a Mentoria se configura como um campo fértil de (re)existência, no qual professores e estudantes constroem juntos um projeto de educação pautado no diálogo, na escuta e na esperança. É nesse entrelaçar de histórias que a formação integral se torna possível, quando o ato de educar se converte em gesto ético, político e profundamente humano.

O campo empírico constituiu-se na Escola Estadual de Ensino Médio Professor Carlos Loréa Pinto, localizada na rede pública estadual do Rio Grande do Sul, integrante do programa Ensino Médio em Tempo Integral (EMTI). Os participantes foram os estudantes do primeiro ano do Ensino Médio, bem como a docente responsável pela condução da disciplina de Mentoria.

O processo de análise pautou-se na reflexão das experiências vividas, buscando compreender como as práticas do componente curricular Mentoria contribuíram para a formação integral, o fortalecimento dos vínculos e o desenvolvimento das competências socioemocionais. Trata-se, portanto, de uma pesquisa que toma o contexto escolar como espaço de investigação e formação, reconhecendo a relevância do olhar sensível e da escuta como instrumentos de compreensão e transformação educativa.



REFERENCIAL TEÓRICO

Pensar o componente de Mentoria como espaço de formação integral e (re)existência implica reconhecer que educar é um ato político e estético, um gesto que se funda na esperança e na crença no potencial transformador do encontro entre sujeitos.

Inspirou-se, inicialmente, em Paulo Freire (1996), para quem a educação deve ser compreendida como uma prática de liberdade, capaz de promover a autonomia e a conscientização dos educandos. Freire nos convida a superar a educação bancária e construir uma escola dialógica, em que o ato de ensinar se confunde com o de aprender e em que a escuta se torna gesto ético.

Dialogando com bell hooks (2013), a docência é compreendida como ato de transgressão, no qual o professor e o aluno se encontram como sujeitos inteiros, que sentem, pensam e agem no mundo. A autora propõe uma pedagogia do engajamento e do afeto, defendendo que a sala de aula seja espaço de transformação social e emocional.

António Nóvoa (2017) contribui ao refletir sobre a formação docente como processo identitário e contínuo, afirmando que o professor se forma na partilha, no diálogo e na construção coletiva do conhecimento. Já Maurice Tardif (2014) nos lembra que o saber docente é um saber da experiência, tecido no entrelaçamento das vivências, das práticas e das relações.

A partir dessas perspectivas, compreende-se a Mentoria como um dispositivo pedagógico que articula saberes da experiência e saberes teóricos, promovendo o desenvolvimento de competências socioemocionais previstas na BNCC (2018) e possibilitando que estudantes e professores construam conjuntamente uma ética do cuidado, da solidariedade e da responsabilidade coletiva.

A escola pública constitui-se como espaço de (re)existência, de encontros e de formação humana. Mais do que um local de transmissão de objetos de conhecimento, ela é território de produção de sentidos e de reconstrução de identidades, tanto de estudantes quanto de educadores. Freire nos lembra que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, pág. 47). Nessa perspectiva, o ato educativo é, antes de tudo, um movimento de escuta e diálogo, no qual o saber da experiência se entrelaça ao saber científico, ressignificando o cotidiano escolar e ampliando as possibilidades de aprendizagem.

Ao olhar para a escola pública contemporânea, marcada por contradições e desafios estruturais, sociais e políticos, percebe-se que ela também é lugar de potência e



esperança. Como afirma Nóvoa (2017), a docência é uma profissão de relação, sustentada por laços que se constroem na convivência e na corresponsabilidade. Assim, pensar a formação docente é refletir sobre as condições concretas de trabalho, mas também sobre os sentidos éticos e existenciais que movem quem ensina.

Na mesma direção, Tardif (2014) destaca que o saber docente é plural e histórico, composto por experiências de vida, práticas sociais e contextos institucionais. Cada educador, ao narrar sua trajetória, reinscreve em si a história da escola e das comunidades com as quais se relaciona. Essa compreensão amplia o olhar sobre o processo formativo, aproximando-o da ideia de um saber situado, afetivo e político. Narrar-se é também um ato de cuidado e coragem, pois implica revisitar experiências, reconhecer fragilidades e celebrar aprendizados. Ao compartilhar suas vivências, o professor afirma que o conhecimento não é algo neutro nem isolado, mas nasce da relação entre sujeitos, tempos e espaços.

As juventudes, por sua vez, emergem nesse cenário como sujeitos de direitos e criadores de cultura. Elas carregam em suas vozes as marcas das desigualdades, mas também a potência das resistências cotidianas. Escutar suas narrativas é compreender o presente da educação brasileira e, ao mesmo tempo, vislumbrar seus futuros possíveis. Dourado (2021) reforça que a escola pública deve ser compreendida como espaço de emancipação e de construção coletiva, em que o protagonismo juvenil se torna elemento fundamental para repensar as práticas pedagógicas e a própria função social da escola.

Nesse sentido, a escola que valoriza o protagonismo não apenas concede voz aos estudantes, mas escuta verdadeiramente o que dizem, abrindo espaço para que suas experiências, inquietações e sonhos se tornem parte do currículo vivo da instituição. Como destaca Freire (2011), “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2011, pág. 96) é nesse movimento dialógico e horizontal que o protagonismo se fortalece, pois, o estudante deixa de ser espectador e passa a ser autor do processo educativo. A experiência com a Mentoria tem demonstrado que, quando os jovens são convidados a assumir papéis ativos nas decisões, nas discussões e nas produções coletivas, eles desenvolvem autonomia, responsabilidade e senso crítico, compreendendo que a escola pode ser também um espaço de pertencimento e de transformação social.

A formação integral, como horizonte ético e político, orienta a ação educativa na perspectiva de formar sujeitos críticos, autônomos e solidários. Essa concepção vai além da dimensão cognitiva, valorizando a afetividade, a corporeidade e a pluralidade das



experiências humanas. Freire (2000) lembra que a educação é um ato de amor, e é esse amor, entendido como compromisso político com a transformação, que sustenta a esperança de uma escola mais justa e humana.

Assim, o referencial teórico que sustenta esta pesquisa não se limita a um conjunto de conceitos, mas se constitui como um campo de diálogo entre teoria e experiência. Ele nasce da escuta dos sujeitos que compõem a escola e se renova nas práticas que insistem em esperar, mesmo em tempos difíceis. A docência, entendida como gesto de cuidado e criação, revela-se, portanto, como um exercício contínuo de presença e resistência, uma arte de existir com o outro e por meio do outro, reinventando o sentido do educar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência da Mentoria permitiu observar o surgimento de novas formas de convivência e aprendizagem, nas quais a escuta, o diálogo e o afeto se tornaram elementos estruturantes do processo educativo.

Os encontros foram marcados pela troca de experiências pessoais, pela construção de projetos interdisciplinares e pelo exercício da empatia e da autonomia. Um dos momentos mais significativos foi a leitura e discussão do livro *Da minha janela*, de Otávio Júnior, que estimulou os estudantes a refletirem sobre seus contextos de vida, a importância da diversidade e o papel do olhar sensível diante das desigualdades sociais. Na obra, o autor narra as impressões de uma criança que observa o mundo a partir da janela de sua casa, localizada no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro. Essa perspectiva, ao mesmo tempo íntima e política, convida o leitor a enxergar a beleza e a complexidade das realidades que compõem o cotidiano das periferias urbanas, revelando que há potência e poesia mesmo nos lugares marcados pela vulnerabilidade.

Ao trazer essa narrativa para o espaço da Mentoria, a professora oportunizou que os estudantes se reconhecessem nas imagens e nas palavras do autor, estabelecendo pontes entre suas próprias janelas e o mundo que veem diariamente. O exercício de leitura se transformou, assim, em um momento de partilha de experiências e de reconstrução de olhares, permitindo que os jovens percebessem que seus territórios, suas histórias e suas vozes também têm valor e devem ser narrados. Essa atividade reforça o papel da literatura como ferramenta de humanização e ampliação da consciência social, como defende Freire



(1996) ao afirmar que a leitura de mundo precede a leitura da palavra. A experiência literária se tornou, então, um convite à empatia e ao diálogo intercultural, ao mesmo tempo em que desafiou os estudantes a questionar os estereótipos que frequentemente invisibilizam as realidades periféricas.

A interdisciplinaridade revelou-se uma estratégia essencial para o desenvolvimento das competências socioemocionais previstas na BNCC, especialmente aquelas ligadas à autogestão, empatia, colaboração e responsabilidade. O trabalho conjunto entre as áreas de Linguagens, Ciências Humanas e Matemática evidencia que há possibilidade de integrar razão e emoção em um mesmo processo formativo.

Em consonância com Freire (1996) e hooks (2013), compreende-se que a educação integral só se concretiza quando se reconhece a humanidade dos sujeitos e se valoriza o encontro como experiência transformadora. Assim, a Mentoria reafirma o papel da escola pública como território de (re)existência e esperança, em que aprender é também um ato de cuidar de si, do outro e do mundo.

Por fim, os resultados sugerem que a Mentoria não se limita a práticas pontuais, mas funciona como estratégia contínua de formação integral, capaz de transformar a dinâmica escolar e criar cultura de diálogo, escuta e solidariedade, fortalecendo tanto a aprendizagem quanto os vínculos afetivos dentro da comunidade escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada confirma que a Mentoria é um dispositivo formativo potente, que transcende os limites curriculares tradicionais e ressignifica o papel da escola pública na contemporaneidade. Ao possibilitar que estudantes e professores se reconheçam como sujeitos históricos e afetivos, a disciplina promove a escuta, o diálogo e a construção coletiva do conhecimento, fortalecendo o sentido da educação como prática de liberdade. A reflexão sobre essa prática evidencia que a formação integral é inseparável da formação humana e que o exercício docente, quando mediado pela sensibilidade e pela ética do cuidado, torna-se um ato político de resistência e esperança.

Como desdobramento, reconhece-se a necessidade de aprofundar estudos sobre os impactos da Mentoria no desenvolvimento socioemocional e acadêmico dos estudantes, bem como de ampliar o diálogo entre escolas, universidades e políticas públicas que valorizem a integralidade da formação e a centralidade das relações humanas no processo educativo.



AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Escola Estadual de Ensino Médio Professor Carlos Loréa Pinto pelo apoio constante, pela escuta atenta e pela confiança na construção desta experiência formativa. Nosso reconhecimento especial vai à equipe diretiva e pedagógica, que viabilizou a participação dos professores no CONEDU, organizando as condições para nossa saída e garantindo o bom andamento das atividades escolares durante o período do evento. Estendemos também nossos agradecimentos aos colegas que colaboraram generosamente na cobertura das aulas e aos estudantes do primeiro ano de 2024, cuja presença, curiosidade e sensibilidade deram sentido a esta caminhada. Este trabalho é fruto de uma rede de cooperação e compromisso coletivo que reafirma o papel da escola pública como espaço de formação, afeto e (re)existência.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Narrative Inquiry: Experience and Story in Qualitative Research**. San Francisco: Jossey-Bass, 2011.
- DOURADO, L. F. **Educação e Juventude: Perspectivas Críticas sobre a Escola Pública**. São Paulo: Cortez, 2021.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- NÓVOA, A. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2017.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2014.

